

## Especial Acesso à saúde

Indústria SUS economiza com fabricação de 22 produtos no país

# Programa vai fortalecer as parcerias de produção

Simone Goldberg  
Para o Valor, do Rio

Inovação é a palavra-chave para superar vários desafios, entre eles reduzir dependências externas e ajudar a ampliar exportações de produtos de maior valor agregado. Uma dessas iniciativas do Ministério da Saúde é a aposta no fomento da inovação nas universidades e institutos de pesquisa, em parceria com agências do Ministério da Ciência e Tecnologia, como a Finep e o Cnpq.

"Entre essas ações, destacam-se algumas redes de pesquisa em campos prioritários, tais como a Rede Nacional de Pesquisa Clínica, a Rede Nacional de Terapia Celular, as Redes Nacionais de Dengue e de Malária, o Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto, entre outras", diz o secretário de ciência, tecnologia e insumos estratégicos do Ministério da Saúde, Reinaldo Guimarães.

Outra iniciativa é o complexo industrial da saúde, que conta com medidas de apoio estatal, como financiamentos do BNDES, para dar condições de desenvolvimento tecnológico e inovação em produtos para o Sistema Único de Saúde (SUS). Há ainda, na lista de esforços do Ministério, a modernização dos laboratórios oficiais, que receberam investimentos de cerca de R\$ 400 milhões entre 2000 e 2010. "A principal estratégia para fortalecer a inovação nos laboratórios oficiais são as parcerias de produção", diz Guimarães. Foram fechadas 17 dessas associações, envolvendo nove laboratórios públicos e dez empresas privadas.

No total, serão fabricados 22 produtos estratégicos. O Ministério gasta, por ano, cerca de R\$ 800 milhões com a compra direta desses fármacos. A estimativa de economia média anual para o SUS é da ordem de R\$ 160 milhões. No mundo dos negócios privados, o presidente da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais (Alanac), Carlos Alexandre Geyer, defende mais avanços. "A retórica e a prática não estão tão alinhados como deveriam."

Geyer diz que em média, as multinacionais investem cerca de 7% do faturamento em pesquisa e inovação. E as indústrias nacionais, entre 2,5% e 3%. Ele defende mais recursos para financiamento e principalmente uma maior sincronia entre a academia e a iniciativa privada. "Os critérios de seleção são subjetivos. Muitos recursos vão para a academia e não retornam como produto para o mercado", diz Geyer. Além disso, há entraves burocráticos que dificultam a importação de materiais, atrasando e inviabilizando pesquisas.

O país, diz o presidente da Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma), que reúne os laboratórios multinacionais, Antônio Britto, tem condições de avançar na pesquisa porque tem boa estrutura científica e características, como a diversidade populacional e climática, que tornam o país atraente para estudos. "Mas não avança porque as regras para inovação não ajudam. Para proteger a ética, o sistema criado é lento e burocrático."



Reinaldo Guimarães: aposta nas universidades e institutos de pesquisa

"As pesquisas hoje são feitas simultaneamente em vários países. Precisamos, sem prejuízo da ética para com o sujeito da pesquisa, o paciente, agilizar o processo e os prazos, eliminar burocracias", afirma. Essa a demora na autorização — muito maior no Brasil do que em outros países — leva o país a "desperdiçar conhecimento." Segundo Britto, da ideia original até o remédio pronto gasta-se em média dez

anos e cerca de US\$ 800 milhões.

Para o presidente do INPI, Jorge Ávila, o Brasil avançou muito nos últimos dez anos, há mais recursos públicos para financiamento, mas o desafio é a ampliação do investimento privado em inovação. Ele defende maior proteção da propriedade intelectual de brasileiros no exterior como forma de aumentar a capacidade nacional de celebrar parcerias com empresas estrangeiras.

## Empresa elege inovação como foco exclusivo

Do Rio

A Recepta biopharma é uma empresa brasileira de biotecnologia. Mas há uma definição mais precisa, dada por seu presidente, José Fernando Perez. "Não somos uma empresa que faz pesquisa e inovação. Nós só fazemos pesquisa e inovação", ressalta, dando ênfase ao "só", para amplificar o foco absoluto do negócio.

A Recepta biopharma foi criada em 2005 a partir de uma parceria com o Instituto Ludwig de Pesquisa sobre o Câncer, dos Estados Unidos, e se dedica à pesquisa e ao desenvolvimento de anticorpos monoclonais para utilização em tratamento da doença. Os anticorpos monoclonais, que vem se mostrando uma promessa na terapia do câncer, são moléculas biológicas com a capacidade de reconhecer e de se ligar a alvos específicos em tumores e estimular uma ação do sistema imunológico direcionadas apenas às células tumorais.

O Instituto Ludwig licenciou para a Recepta a propriedade intelectual de quatro anticorpos. Além deles, a empresa está trabalhando na geração de novos anticorpos de uso clínico e tem sua ação baseada em parcerias com universidades, institutos de pesquisa, hospitais brasileiros e a colaboração de cientistas estrangeiros. O objetivo é criar medicamentos eficientes e tratamentos mais baratos.

Na prática, a Recepta atua como muitas empresas americanas de pesquisa: faz a ponte entre o conhecimento, a pesquisa básica da academia, e o mercado, os laboratórios que irão produzir em escala comercial os remédios a partir das moléculas desenvolvidas e testadas por ela. "Investimentos cerca de R\$ 7 milhões por ano", diz Perez. Ele destaca a mu-

dança de cultura ocorrida no país nos últimos dez anos, com mais apoio à inovação e financiamentos públicos, como os da Finep.

"Sem isso, não existiríamos", diz o executivo. O campo de atuação da Recepta são as chamadas fase um e dois das pesquisas de desenvolvimento de fármacos, nas quais a empresa desenvolve e testa moléculas com eficácia comprovada para se tornarem remédios. A fase um é feita com um grupo pequeno de voluntários. Já a dois requer bem mais gente e conta com uma rede de hospitais parceiros. A fase três — a elaboração do medicamento em si para fins comerciais — já ocorre nos laboratórios farmacêuticos.

A Recepta tem um produto em testes avançados na fase dois, aquela na qual busca respostas clínicas dos pacientes para medir a eficácia da droga em itens como o controle da progressão da doença e aumento de sobrevida. Um teste clínico de fase dois leva em média, dois anos e meio. "Somos a primeira e única empresa brasileira neste estágio de pesquisa", lembra Perez. Até 2011, esses testes devem estar concluídos. O mesmo anticorpo está começando a ser testado em outra frente de pesquisa.

Perez acredita que em três anos a Recepta terá um produto pronto para ser negociado com uma grande empresa farmacêutica elaborar e colocar no mercado. Uma vez negociado seu produto, a Recepta recebe um determinado montante para permitir o licenciamento, depois parcelas intermediárias enquanto o medicamento não é lançado e finalmente, royalties. "Trata-se de um negócio com alto nível de incertezas, mas o potencial é muito grande. A população brasileira está envelhecendo e os casos de câncer, aumentando." (S.G.)



UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO



SAMU 192

# UPA 24H E SAMU 192. SEMPRE A POSTOS PARA ATENDER ÀS URGÊNCIAS.

É ASSIM QUE A SAÚDE PÚBLICA RESOLVE O CASO DE QUEM MAIS PRECISA.

As UPAs 24h são unidades de atendimento médico criadas para atender qualquer tipo de urgência e emergência. As UPAs 24h têm médicos clínicos, pediatras e equipe especializada sempre prontos para atender quem precisa 24 horas, todos os dias da semana, inclusive sábados, domingos e feriados.

A UPA 24h trabalha em parceria com o SAMU 192 para dar mais agilidade no atendimento de quem mais precisa e, é claro, no atendimento a todos os brasileiros.



O SAMU 192 É PARA SALVAR VIDAS. SEJA CONSCIENTE. NÃO PASSE TROTES.

SAIBA COMO E ONDE UTILIZAR OS SERVIÇOS DA UPA 24H E DO SAMU 192, INFORMAÇÕES: 0800 61 1997 • WWW.SAUDE.GOV.BR • WWW.UPASAMU.COM.BR

MAIS AGILIDADE E EFICIÊNCIA PARA TODOS OS BRASILEIROS. É O BRASIL COM MAIS SAÚDE.



Ministério da Saúde

